

O método holmesiano de investigação e sua herança na ficção televisiva: os casos de *Sherlock* e *The good wife*

Renato Luiz Pucci Junior¹
Maria Rosa Crespo²

Resumo: A partir da constatação do método científico e da filosofia de ação propostos por Arthur Conan Doyle para seu detetive Sherlock Holmes, questiona-se a ocorrência desses elementos na ficção televisiva contemporânea. Estabelece-se um paralelo entre a série inglesa *Sherlock* (2010-2014) e a série americana *The good wife* (2009-2015), pela análise dos personagens Sherlock Holmes e Kalinda Sharma, a serviço, respectivamente, da acusação e da defesa. O referencial teórico é composto por Jason Mittell quanto a narrativas complexas, André Mendes Machado para o direito processual anglo-americano e por Marcello Truzzi e Carlo Ginsburg para esclarecimento da relação das histórias de Doyle com as formas de pensamento lógico científico.

Palavras-chave: televisão; ficção seriada; investigação criminal; método; Sherlock Holmes.

Abstract: Based on the observation of the scientific method and philosophy of action proposed by Arthur Conan Doyle for his detective Sherlock Holmes, wonders whether the occurrence of these elements in contemporary fiction television. It establishes a parallel between the English series *Sherlock* (2010-2014) and the American series *The Good Wife* (2009-2015), by analyzing the characters Sherlock Holmes and Kalinda Sharma, that service, respectively, the prosecution and the defense. The theoretical framework consists of Jason Mittell about complex narratives; André Mendes Machado to the Anglo-American procedural law and Marcello Truzzi and Carlo Ginsburg to clarify the relationship of the Doyle's stories with forms of scientific logical thinking.

Keywords: television; serial fiction; criminal investigation; method; Sherlock Holmes.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Bolsista de produtividade do CNPq-PQ 2. Email: renato.pucci@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Anhembi Morumbi. Docente da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação-FaBCI da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo-FESPSP. Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação-FaBCI. Email: maria.rosacrespo@gmail.com.

Introdução

O uso da razão, a capacidade concentrada de observação e a manutenção da objetividade relativa aos fatos permitiam a Sherlock Holmes estar sempre à frente dos representantes oficiais da lei e concluir com êxito os difíceis casos criminais que lhe apresentavam. Todos os criminosos eram capturados, ou apontados; todos os mistérios, revelados. A aplicação do método de investigação científica para solucionar casos de crimes e delitos, proposta por Arthur Conan Doyle no final do século XIX, tornou sua obra mundialmente famosa e seu personagem um modelo que seria adotado em centenas de obras e adaptações, até a época atual.

Médico por profissão, Doyle teria baseado seu personagem nos métodos e atitudes mentais de Joseph Bell, professor da Universidade de Edinburgh. Bell costumava deixar os alunos atônitos com sua capacidade de fazer inferências a partir de pequenos detalhes e desenvolver diagnósticos certos utilizando seu poder de dedução (STASHOWER, 2014, p. 18-20, 26-32). Na transposição desse personagem real para o ficcional, Doyle fez Holmes declarar várias vezes que dispunha de um método para a dedução sobre o culpado ou culpados pelos crimes que investigava. À frente, esse método será esclarecido, assim como a sua efetividade nas histórias do personagem.

Diante da constatação de um método de investigação e de uma personalidade tipo para o detetive independente, empenhado na elucidação de crimes e indicação de culpados nas tramas ficcionais, pode-se indagar sobre a manutenção desses elementos na enorme variedade de séries televisivas contemporâneas cuja trama gira em torno de investigações criminais. Em especial, levanta-se a dúvida quanto às adaptações e às variantes de Holmes, a envolver grupos, personagens do sexo feminino e outras encarnações que proliferam nas telas de televisão. Pode-se dizer que a matriz holmesiana possui características típicas do século XIX, como a confiança irrestrita na Ciência (SEBEOK; UMIKER-SEBEOK, 1991, p. 35-36), no caráter determinista do conhecimento (TRUZZI, 1991, p. 67), a crença na hereditariedade como fator fundamental para a criminalidade (TRUZZI, 1991, p. 85-86) e a péssima imagem das mulheres em termos de confiabilidade (TRUZZI, 1991, p. 80-81). Algumas dessas características permaneceram em versões que atravessaram o século seguinte, seja na literatura, no teatro, no cinema e na televisão, a comprovar

que mudanças drásticas quanto ao que é possível na ficção não acontecem de forma instantânea. Entretanto, o que, no início do século XXI, teria permanecido do famoso método? Como hipótese de trabalho foi assumido que na profusão de séries investigativas há variantes relacionáveis com a matriz de Doyle. Em outras palavras, admite-se a diversidade de posições em relação ao célebre personagem e que o método pode ser reencontrado mesmo em personagens aparentemente insuspeitos.

Para testar essa hipótese, iniciou-se pela identificação de séries televisivas que contivessem, em seu universo ficcional, tramas adequadas ao objetivo proposto. Por isso, foram escolhidas como objetos de análise uma adaptação das histórias de Doyle e, por outro lado, uma das variantes com aparência mais distante da matriz. Trata-se, respectivamente, de *Sherlock* (BBC, 2010-2014) e *The good wife* (CBS, 2010-2015). Aclamada internacionalmente por crítica e público, a primeira é uma atualização do universo holmesiano para o século XXI. Seu personagem principal (interpretado por Benedict Cumberbatch) possui inteligência, intuição e raciocínio muitas vezes difíceis de acompanhar pela rapidez de observação e pensamento. Assim como na obra original, Dr. Watson (Martin Freeman) está sempre passos atrás nas investigações do parceiro. Há, na construção do protagonista, uma indefinição de gênero que foge aos padrões da masculinidade e agressividade presentes na maioria das adaptações realizadas ao longo de mais de um século. Esse traço pode ser detectado na maneira como se dirige às mulheres, ignorando seu interesse e, ao mesmo tempo, ao fazer observações próprias do estereótipo feminino (como ao reparar no batom de uma delas, que se maquiara para agradá-lo). Sua movimentação e gestual são bastante ambíguos e as constantes insinuações, por parte de outros personagens, acerca de um possível relacionamento homoafetivo com Dr. Watson, nunca são verdadeiramente refutadas.

A escolha de *The good wife* baseou-se na identificação de uma personagem secundária, Kalinda Sharma (interpretada por Archie Panjabi), encarregada das investigações necessárias aos processos de defesa dos clientes de um escritório de advocacia. Kalinda apresenta traços impensáveis à época vitoriana, particularmente em relação à sua vida profissional e sexual, porém aceitos ou tolerados na atualidade. Kalinda também denota certa indefinição de gênero, inclusive com comportamento violento em circunstâncias específicas. Torna-se no mínimo instigante examinar,

após mais de cem anos desde a grande criação ficcional de Doyle, se o método pode ser retomado por uma personagem feminina que apresente as mesmas características de ação e o mesmo raciocínio e percepção extraordinários, mas que atua na defesa dos réus.

De um lado, há a oportunidade de reencontrar traços do célebre personagem, tanto em relação a características básicas, quanto à permanência do método holmesiano; de outro, examinar se seria possível detectar o mesmo método de investigação em tramas análogas, porém ambientadas em escritórios de advocacia e tribunais, por uma investigadora muito particular. A investigação empreendida por quem tem por objetivo levar suspeitos à barra dos tribunais se desenvolve da mesma maneira que a realizada a serviço da defesa? Em que medida esta diferiria da investigação “científica” realizada por Holmes?

Para a construção da perspectiva legal, foi necessário examinar o direito processual de defesa nos casos de delito criminal nos Estados Unidos, o que foi realizado com o auxílio da pesquisa de Machado (2009). A justificativa para esse aporte jurídico está em permitir a compreensão acerca da ficção televisiva anglo-americana no que concerne às séries de investigação criminal. Embora séries de tribunal sejam produzidas desde os primórdios da televisão tanto nos EUA quanto na Inglaterra, o contexto do direito anglo-americano é consideravelmente diferente do brasileiro, e, portanto, aspectos fundamentais poderiam não ser entendidos.

A breve retomada das histórias de Doyle serve ao estabelecimento do método de Holmes. A revisão bibliográfica relativa ao tema permite reconhecer os principais elementos constitutivos desse método de trabalho e estabelecer parâmetros de comparação.

O conceito de narrativa complexa (MITTELL, 2012) auxilia na compreensão da estrutura narrativa do *corpus*, uma vez que ambas as séries apresentam elementos típicos dos produtos subsumidos no conceito proposto por Mittell, com consequências marcantes em termos de constituição das tramas.

Na elaboração da metodologia de pesquisa, considerou-se a obtenção e a análise de dados em pesquisa quantitativa, o que, sabe-se bem, não é usual em trabalhos deste tipo na área de Comunicação. A escolha da metodologia tem o

objetivo de minimizar o caráter subjetivo que uma apreciação como a aqui empreendida poderia conter. Dessa forma, criou-se um conjunto de conceitos (codificação) a partir do método analítico-sintético proposto pela teoria de classificação e indexação (DAHLBERG, 1978, p. 101-102), que permite quantificar diálogos, atitudes e comportamentos compondo a planilha de análise de dados que orientou a construção das considerações conclusivas.

O recorte de pesquisa foi delimitado pela análise das personagens, eliminando o que, no universo ficcional, não é essencial para os objetivos propostos. Como estratégia metodológica de análise, fixou-se a atenção nos detalhes da trama relacionados à investigação. Não foram codificados e analisados trechos referentes a outros elementos ficcionais, como dramas familiares e relacionamentos sociais e afetivos. Para efeito de comparação entre as séries, foram escolhidos os três episódios da primeira temporada de *Sherlock* e oito capítulos consecutivos de *The good wife*, a partir do terceiro da primeira temporada. Essa escolha possibilita a comparação devido ao equilíbrio temporal entre a trama das duas séries, pois cada episódio de *Sherlock* tem maior duração. Não foram computados os dois primeiros capítulos de *The good wife*, porque neles Kalinda não tem papel, voltados que estão para a apresentação dos personagens das tramas que correrão em paralelo: a luta política, o drama familiar e o escritório de advocacia.

O método Sherlock Holmes de investigação

Em *A study in scarlet*, publicado em 1887, Doyle apresentou o depois mundialmente conhecido detetive Sherlock Holmes. É também, nesse livro, que se dá o encontro com o Dr. Watson, voz narrativa em quase todas as histórias que se seguiram, seu amigo e companheiro de investigações. A personalidade criada por Doyle firmemente se apoia na então considerada a mais elevada faculdade humana – a razão –, para o esclarecimento das circunstâncias de delitos e infrações.

Holmes afirma, no conto “*The adventure of the Mazarin Stone*” (DOYLE, s/d, pos. 22.778), que sua arte é uma mistura de imaginação (hipóteses) e realidade (observação atenta). No conto “*A Scandal in Bohemia*” assevera que é um erro irreparável formar teorias antes de possuir dados relevantes, ou ainda, teorizar à

frente dos fatos (DOYLE, s/d, pos. 3507).³ No romance *The Sign of Four*, de 1890, ao se referir às qualidades necessárias para o detetive ideal, Holmes afirma que são conhecimento, poder de observação e poder de “dedução” (DOYLE, s/d, pos. 1861). Quanto ao conhecimento, ele se limita àquilo que é relevante e necessário para suas investigações, passando ao largo de assuntos como economia e política.

A partir da percepção de indícios, Holmes formula suas hipóteses, posteriormente colocadas à prova pelo confronto com os fatos descobertos na investigação, de forma que aproxima seu método daquilo que hoje é chamado de método hipotético-dedutivo.

A capacidade instintiva de observação de Sherlock, seu gênio extraordinário para os pormenores, assim como seus poderes de dedução são a base para “a proposição de um método interpretativo, baseado na apreensão de detalhes marginais e irrelevantes enquanto chaves reveladoras” (GINSBURG, 1991, p. 96). É possível creditar essa estratégia investigativa à formação em Medicina de Doyle, já que no tempo de sua formação, o funcionamento dessa área estava baseado na formulação de um diagnóstico, a partir dos sintomas ou signos superficiais, quase sempre irrelevantes aos olhos do leigo (GINSBURG, 1991, p. 98). Como dito no início deste artigo, Doyle teria criado a personalidade de Holmes a partir de um professor da Universidade de Edinburgh. A utilização parcial de um médico como modelo, além de sua própria experiência, deve ter sido a referência para introduzir um método científico mais rigoroso do que até então havia sido utilizado na investigação criminal.

Visando o incremento da objetividade da análise, procurou-se estabelecer parâmetros de pesquisa que permitissem a codificação, que fossem inteligíveis e passíveis de serem reavaliados, conforme previsto pela metodologia da pesquisa científica. Como forma de corroborar ou refutar a hipótese formulada, utilizou-se o método da indução, que consiste em um processo pelo qual, partindo-se de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral, não contida nas partes examinadas (CRUZ; RIBEIRO, 2004, p. 26).

³ No Kindle, diversas edições não possuem paginação e, nesses casos, o progresso da leitura é indicado por meio de posições (em inglês, *locations*). Cada página do original equivale aproximadamente a dezoito ou vinte posições.

Para tanto, as parcelas narrativas (diálogos ou indicadores de ação) foram analisadas para se constituir em termos e conceitos. Aqui vale um explicação. Devemos fazer uma distinção entre linguagens naturais (as que são utilizadas na vida diária) e as linguagens especiais, como a da matemática, da química, da botânica, e também as documentárias⁴. Estas são formuladas para dar estrutura e estabelecer os códigos de classificação da informação e do conhecimento em bancos de dados. Sabemos que com a ajuda das linguagens naturais é possível formular enunciados a respeito das coisas do mundo, e é com base nesses enunciados que elaboramos os conceitos (DAHLBERG, 1978, p. 101). Para fixar o resultado dessa compilação necessitamos de um instrumento. Este é constituído pela palavra ou por qualquer signo que possa traduzir e fixar essa compilação. É possível definir, então, o *conceito* como a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico, que nesse caso é o *termo* (DAHLBERG, 1978, p. 102).

Dessa forma, extraíram-se da obra de Doyle, sempre nas palavras de Holmes, enunciados que pudessem formatar os conceitos tidos pelos autores como formadores do famoso método de investigação científica. O resultado pode ser visto no Quadro 1, a seguir.⁵

Termo	Conceito
ANÁLISE MINUCIOSA ("OBSERVAÇÃO") ⁶	Você conhece o meu método. Ele é fundado na observação de minúcias. ("The Boscombe Valley mystery", pos. 4.707). Você não sabia para onde olhar, e assim perdeu tudo o que era importante. [...] Nunca confie em impressões gerais, meu rapaz, concentre-se nos detalhes [a Watson]. ("A case of identity", pos. 4.289 e 4.297). Eu havia, portanto, examinado as orelhas na caixa com os olhos de um perito e tinha anotado cuidadosamente suas peculiaridades anatômicas. ("The cardboard box", pos. 20.227).
TRANSGRESSÕES LEGAIS	Eu suponho que você vai admitir que a ação é moralmente justificável, embora tecnicamente criminosa. Invadir a casa dele não é mais do que tomar à força seu livro de bolso - uma ação na qual você [Watson] estava disposto a

⁴ Linguagens documentárias e formação de conceitos fazem parte do conjunto de disciplinas técnicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

⁵ Nas citações do Quadro 1, entre parênteses constam o título do conto ou romance, além da posição do trecho em DOYLE, s/d. Tradução nossa.

⁶ O termo genérico "observação" é utilizado pelo próprio Holmes, como se pode constatar na primeira citação do Quadro 1.

	<p>me ajudar. (<i>"The adventure of Charles Augustus Milverton"</i>, pos. 15.219).</p>
COLETA DE DADOS	<p>A tentação de formar teorias prematuras com base em dados insuficientes é a ruína de nossa profissão. (<i>The valley of fear</i>, pos. 17.564).</p> <p>Não há nada como a evidência de primeira mão (<i>A study in scarlet</i>, pos. 505).</p> <p>Dados! dados! dados! - ele gritou com impaciência - Eu não posso fazer tijolos sem argila (<i>"The adventure of the copper beeches"</i>, pos. 7.224).</p>
ELABORAÇÃO DE HIPÓTESES	<p>Você conhece meus métodos em tais casos, Watson. Eu me coloco no lugar do sujeito e, após ter aferido a sua inteligência, tento imaginar como eu teria procedido sob as mesmas circunstâncias. (<i>"The Musgrave ritual"</i>, pos. 8.869).</p> <p>[...] nessa mistura de imaginação e realidade, que é a base da minha arte. (<i>"The problem of the Thor Bridge"</i>, pos. 22.278).</p> <p>Eu concebi sete explicações separadas, cada uma delas poderia corresponder aos fatos, tanto quanto nós os conhecemos. (<i>"The adventure of the Copper Beeches"</i>, pos. 7.252).</p>
DEDUÇÃO ⁷	<p>O raciocinador ideal, ele observou, seria aquele que, quando lhe houvessem mostrado um único fato em todos os seus aspectos, seja capaz de dele deduzir não só toda a cadeia de eventos que levaram a ele, mas também todos os resultados que a partir dele se seguiriam. (<i>"The five orange pips"</i>, pos. 4.955-4.957).</p> <p>Dessa forma, toda vida é uma grande corrente, cuja natureza conhecemos assim que nos é mostrado um único elo. (<i>A study in scarlet</i>, pos. 289).</p>
RAZÃO E MÉTODO CIENTÍFICO	<p>A detecção é, ou deveria ser, uma ciência exata, e deve ser tratada da mesma forma fria e sem emoção (<i>The sign of four</i>, pos. 1.844-1.845).</p> <p>Quantas vezes eu disse a você que, quando tiver eliminado o impossível, o que resta, AINDA QUE IMPROVÁVEL, deve ser a verdade? (<i>The sign of four</i>, pos. 2.344-2.345).</p> <p>Eu nunca adivinho. É um péssimo hábito, destrutivo para a faculdade lógica (<i>A study in scarlet</i>, pos 1.912.).</p> <p>Desde que o criminoso esteja sobre duas pernas, deve haver algum recorte, algum desgaste, algum mínimo</p>

⁷ O termo “dedução”, utilizado por Doyle para caracterizar o raciocínio de Holmes, não é tecnicamente rigoroso. Peirce denominava “abdução” esse “passo de inferência” (*inferential step*), para caracterizar sua especificidade, o caráter hipotético, frente à certeza lógica da dedução. (PEIRCE, s/d, pos. 2.901).

	deslocamento que pode ser detectado pelo investigador científico. (" <i>The adventure of Black Peter</i> ", pos. 14.883).
--	---

Quadro 1 : Termos e conceitos
Fonte: os autores

Note-se que a concepção subjacente de Ciência é a da chamada Ciência Moderna, cuja confiança nos resultados é absoluta (GINSBURG, 1991, p. 104-107). O grande passo dado por Doyle foi o de transpor os princípios dessa concepção à criminologia, com o objetivo de fazer seu personagem identificar e enviar à prisão os agentes de crimes.

Análise de *Sherlock*

Como dito acima, a série *Sherlock* é uma atualização temporal dos contos de Doyle. Sherlock Holmes e Dr. Watson reproduzem grande parte das tramas originais dos contos, com o diferencial de uma Londres atual e do uso de modernas tecnologias de comunicação e informação, como SMS, internet, GPS. Com base na estrutura dramática criada por Doyle, a série ainda conta com outros personagens das histórias originais, como o detetive Greg Lestrade (Rupert Graves).

Para a prevista comparação, a análise foi feita com vistas a localizar exposições que tivessem relação com os conceitos elaborados a partir da obra de Doyle, estabelecendo-se como parâmetro de relevância o número de vezes em que determinado conceito aparece no episódio, materializado em diálogos ou cenas. Esses dados foram compilados em uma planilha, que por sua vez deu origem a um gráfico comparativo.

Em *Sherlock*, os conceitos indicados na seção anterior, no Quadro 1, podem ser exemplificados com as seguintes cenas:

- 1) *Análise minuciosa* (“Observações”): na cena do crime, Holmes observa mínimos detalhes acerca da vítima, como o fato de a aliança desta estar mais brilhante do lado de fora do que do lado de dentro (epis. 1.01).⁸

⁸ Na indicação de trechos das séries, o primeiro número indica a temporada, e o segundo refere-se ao episódio. Exemplificando, 1.03 corresponde à primeira temporada, episódio 03.

2) *Transgressões legais*: Holmes pisa no ombro do criminoso, que acabou de levar um tiro no peito e está à morte, para extorquir-lhe o nome do mandante dos assassinatos (1.01).

3) *Coleta de dados*: Questionado por Watson sobre o procedimento de um criminoso, responde-lhe: “Não sei. É perigoso saltar para conclusões precipitadas. Preciso de dados.” (epis. 1.03).

4) *Elaboração de hipóteses*: O inspetor Lestrade indaga-lhe se já tem alguma ideia sobre o porquê dos crimes misteriosos, Holmes responde: “Sete, até agora” (epis. 1.03).

5) *Dedução*: Com base no estado do relógio do executivo de banco, seu ex-colega, Holmes deduz que ele viaja duas vezes por mês ao redor do mundo (epis. 1.02).

6) *Razão e método científico*: Holmes chicoteia um cadáver a fim de descobrir que ferimentos surgem após vinte minutos e assim esclarecer um caso judicial. No minuto seguinte, ele está no laboratório a fazer exame no microscópio (epis. 1.01).

O restante das ocorrências deve ser facilmente identificado à luz dos conceitos indicados no Quadro 1.

A planilha de dados apresentada no Quadro 2 tem por parâmetros os mesmos termos do Quadro 1 e mostra o resultado do levantamento nos episódios de *Sherlock*:

CONCEITO / EPISÓDIO	1	2	3	total
ANÁLISE MINUCIOSA (“OBSERVAÇÃO”)	9	9	7	25
TRANSGRESSÕES LEGAIS	2	2	2	6
COLETA DE DADOS	1	6	12	19
ELABORAÇÃO DE HIPOTEESES	3	1	3	7
DEDUÇÃO	16	10	8	34
RAZÃO E MÉTODO CIENTÍFICO	3	0	3	6

A Figura 1, abaixo, permite uma visão sumarizada:

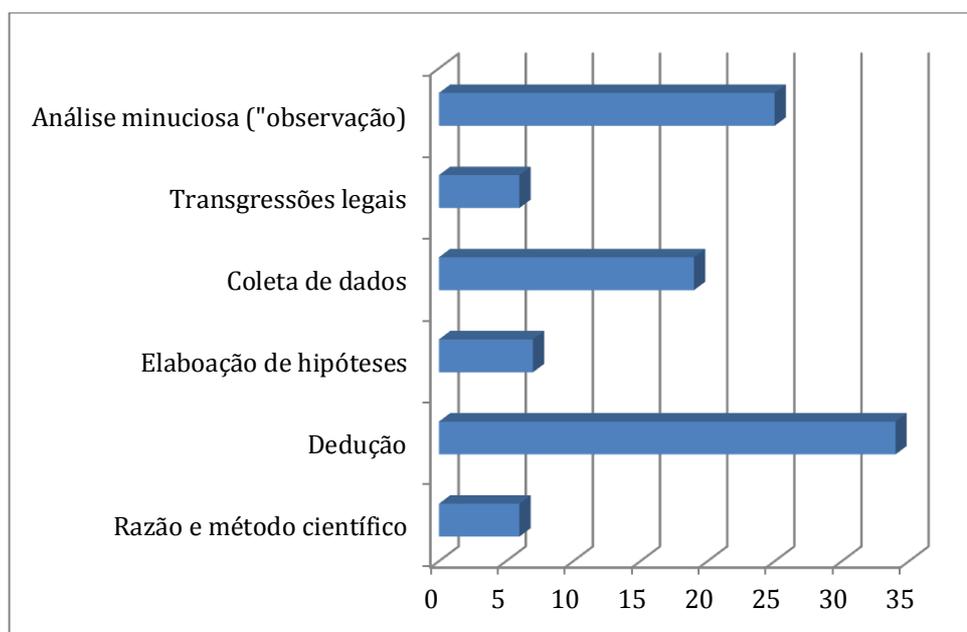


Figura 1: Análise dos episódios de *Sherlock*
Fonte: os autores

Depreende-se desse levantamento que *Sherlock* manteve os mesmos conceitos que estabeleciam os parâmetros para a investigação do protagonista de Doyle, em que pese a profusão de elementos que, como dito acima, atualizam a série. Mais do que isso, constata-se que são em grande número as cenas em que os referidos conceitos se materializam.

O direito processual americano

Uma vez que *The good wife* se desenvolve no ambiente dos escritórios de advocacia e grande parte do conteúdo ficcional está relacionado com procedimentos legais, considerou-se a necessidade de esclarecimento sobre o Direito Processual americano, que difere bastante do brasileiro.

Como é de conhecimento geral, os Estados Unidos da América se formaram a partir da colonização inglesa, iniciada no século XVII. Além do idioma e grande legado cultural, a colonização inglesa também deu origem ao regime jurídico, em uso até os dias atuais, denominado *common law*. Machado (2009, p. 96) esclarece que se trata de um ordenamento jurídico no qual os princípios e regras não são escritos, sendo que a autoridade provém de usos e costumes e da jurisprudência. Uma vez que a elaboração das Leis cabe ao Judiciário de acordo com elementos reais e experiências vividas, é possível a ocorrência de ajustes e evolução das normas à

medida que os processos se sucedem na existência real. Para efeito de comparação, no Brasil adota-se o direito processual denominado *Civil law*, de origem romano-germânica (MACHADO, 2009, p. 96), no qual cabe ao Legislativo a criação e aprovação da lei, e dessa forma sua evolução é gradual e demorada.

O sistema norte-americano, no qual *The good wife* baseia sua ordenação técnica, funciona segundo um modelo adversarial – acusação contra defesa – e a gestão das provas cabe às partes, que também são responsáveis pela marcha processual (MACHADO, 2009, p. 98). A promotoria terá que reunir indícios consistentes da culpabilidade do réu, a partir da investigação dos detetives, decidir a provável acusação e se o caso será levado ao júri (MACHADO, 2009, p. 100).

Após a detenção e a acusação formal, é concedido ao suspeito o direito de constituir advogado de defesa, público ou particular, dando início a um processo no qual as partes (acusação e defesa) vão investigar fatos, inquirir testemunhas, consultar peritos e determinar o que será investigado. “A autoridade judiciária, para não comprometer sua imparcialidade, deve-se manter inerte com relação à atividade probatória” (MACHADO, 2009, p. 98). Já no sistema brasileiro não há nenhuma regra a respeito da investigação pela defesa. Além de o investigado não poder contar com a colaboração da polícia, elementos obtidos pela defesa são vistos com desconfiança. Um dos principais problemas enfrentados pela investigação defensiva no Brasil é a diferença do valor probatório de elementos materiais fornecidos pela defesa e pelos órgãos públicos (MACHADO, 2009, p. 138).

No rito processual norte-americano, a partir da indicação de suspeição, a acusação deve oferecer garantias ao suspeito sejam elas: direito imediato de defesa, manutenção da integridade física, atendimento de suas necessidades humanas e familiares, jurisdicionalização de medidas tais como busca domiciliar e rompimento de sigilos bancário e telefônico. A investigação da promotoria prossegue com o envolvimento da polícia e departamentos de justiça locais ou distantes, podendo utilizar laboratórios técnicos, bancos de dados nacionais e internacionais, sistemas informacionais, equipamentos de escuta e gravação de imagens, recrutamento de peritos, e outras disposições, movimentando grande aparato humano e financeiro.

Da mesma forma, a defesa possui direitos de investigação e pode contratar investigadores, notários e outros profissionais para colher meios de prova, inclusive depoimentos, que podem ser obtidas antes, ou fora, da fase judicial do processo, sendo apresentadas em juízo, com conhecimento prévio da acusação e desde que expressamente admitidos pelo juiz na fase adjudicatória (MACHADO, 1991, p. 100). Assim como a promotoria, a defesa deve atender aos requisitos previstos em lei para obtenção de qualquer indício ou prova. Assim, a investigação defensiva é plenamente admissível por consequência natural do regime jurídico.

Entretanto, a investigação realizada pelos escritórios de advocacia em defesa de seus clientes vivencia uma situação desfavorável, uma vez que não pode valer-se dos mesmos movimentos exploratórios, de acesso às cenas de crime, da superioridade dos recursos materiais e humanos, e fontes de informação existentes nas estruturas policiais do Estado. Em favor dos investigadores dos escritórios de advocacia restariam sua capacidade de observação, rapidez de raciocínio, formas de burlar a vigilância das instituições policiais, e a possibilidade de obter informações por outros meios.

Sherlock Holmes, em suas várias aparições nas diferentes mídias, é um consultor a serviço da acusação, ou seja, está ao lado do aparato do Estado. Examine-se o que acontece com uma personagem investigadora em favor de suspeitos e acusados.

Análise de Kalinda

Em *The good wife*, a ação se passa em Chicago. O episódio piloto estabelece os três pilares sociais em que o conteúdo ficcional se sustenta: família, política e negócios. A série se diferencia de outras produções do gênero por seu *approach* feminino, em questões nas quais o masculino é tradicionalmente proeminente. O ponto focal da narrativa é a dinâmica profissional de sua protagonista, Alicia Florrick (Julianna Margulies), que retorna à atividade de advogada após um escândalo sexual protagonizado por seu marido, que é procurador e político eminente. A continuidade de suas relações familiares e sociais também é parte integrante da trama, sendo que a narração permanece atrelada ao ponto de vista da protagonista.

Inicialmente a ação se desenrola no escritório de advocacia Lockhart/Gardner, dirigido por dois sócios fundadores, Will Gardner (Josh Charles) e Diane Lockhart (Christine Baranski). Constituído por dezenas de funcionários, o escritório atende importantes figuras da sociedade e da economia local. Alicia Florrick é casada com o procurador geral do Estado, Peter Florrick (Chris Noth), que no episódio piloto renuncia a seu mandato e é preso devido ao citado escândalo em que se envolveu.

Ao longo das seis temporadas até 2015, a série apresenta uma característica de forte evolução das personagens e da trama, com importantes mudanças comportamentais e de caráter, maior tempo de exposição de alguns e a constante inclusão e exclusão de indivíduos (como a morte de Will Gardner), e a intensa mescla de dilemas e questões pessoais e familiares aos relatos do andamento dos processos judiciais ou criminais que dão sustentação à identidade ficcional da série. Esse panorama evidencia uma forma de complexidade narrativa que tem sido bem sucedida na televisão americana. A combinação de teleologia e caráter episódico é um de seus elementos. É o que Mittell considera o “nível mais básico” da complexidade narrativa: “uma redefinição das formas episódicas sob a influência da narração em série” (2012, p. 36). Por um lado, temporada após temporada segue-se o eixo relativo à família de Alicia Florrick; por outro, a cada episódio apresenta-se um caso de defesa judicial, que será encerrado ao final da exibição. Mesclam-se gêneros ou subgêneros, no caso, melodrama, histórias de tribunal e investigação criminal, num processo de eliminação de fronteiras antes melhor definidas na ficção televisiva.

A personagem escolhida para análise é Kalinda Sharma, investigadora do escritório. O motivo dessa escolha, em detrimento dos advogados, alguns dos quais personagens de primeiro plano, é o de que estes, em geral, estão dependentes dos depoimentos de seus clientes, dos réus e das testemunhas, ao contrário da investigadora, que, como Holmes, procura pistas.

Kalinda é jovem, bonita e tem passado obscuro. Seu tipo étnico é característico da Índia e com frequência nos diálogos confirma sua procedência. Adota comportamento bissexual e eventualmente apresenta comportamento agressivo. Nos episódios analisados, ela surge como personagem secundária, aparentemente dispensável, mas que adquirirá importância e relevância nos processos de

investigação. Esse ponto é tão bem definido que, diante de necessidade de provas, os advogados não hesitam em dizer: “Chamem a Kalinda!”. Embora a personagem não seja protagonista, sua presença é fundamental para o funcionamento e credibilidade do arco narrativo, dada a relevância que a investigação da defesa assume no sistema processual americano, como visto anteriormente.

Procedeu-se à análise das ações e diálogos da personagem com o objetivo de identificar sua maneira de pensar e agir no desenrolar das investigações, avaliando amostras representativas do universo pesquisado. Utilizou-se a mesma metodologia aplicada em relação a Sherlock. Indicam-se a seguir exemplos de cada um dos conceitos por meio de cenas que envolvem Kalinda:

- 1) *Análise minuciosa*: Kalinda examina cartas com ameaças e percebe que o grupo de fanáticos protestantes teria utilizado uma bíblia católica (epis. 1.08).
- 2) *Transgressões legais*: para entrar, sem mandado de busca, no apartamento de um suspeito, ela se apresenta ao zelador do prédio como namorada do morador, alegando ter esquecido a chave da porta (epis. 1.04).
- 3) *Coleta de dados*: conversa com um investigador para conhecer detalhes da prisão do suspeito e do seu reconhecimento pela testemunha (epis. 1.06).
- 4) *Elaboração de hipóteses*: Kalinda acredita que a jurada mais propícia a receber propina seria a cabeleireira (epis. 1.04).
- 5) *Dedução*: ao ver parte do desenho em um pedaço de guardanapo, deduz o nome do restaurante (epis. 1.04).
- 6) *Razão e método científico*: analisa características do *toner* e modelo da impressora para localizar o emitente das cartas ameaçadoras (epis. 1.08).

Os resultados estão apresentados no Quadro 3:

CONCEITO / EPISÓDIO	3	4	5	6	7	8	9	10	total
ANÁLISE MINUCIOSA	1			2	2	2		1	8
TRANSGRESSÕES LEGAIS		2		1		1	1		5
COLETA DE DADOS	2	1	3	8				4	18
ELABORAÇÃO DE HIPOTÊSES	2	2		5	2	1	1		13
DEDUÇÃO		2		1	1	2		2	8
RAZÃO E MÉTODO CIENTÍFICO	1					2			3

Quadro 3: Análise dos episódios de *The good wife*.
 Fonte: os autores

A visão sumarizada está na Figura 2:

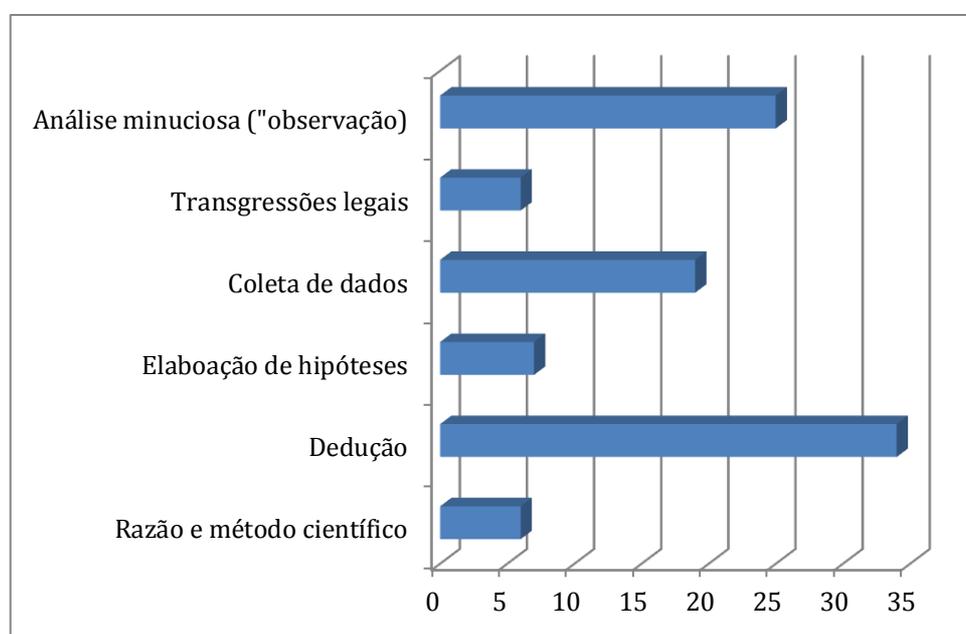


Figura 2: Dados sumarizados
 Fonte: os autores

A obtenção de dados, em oposição a teorias, suposições e adivinhações, resultou ser a atividade mais presente no curso das investigações de Kalinda. A formulação de hipóteses e posterior comprovação pelas evidências é a segunda característica mais importante. Outra questão interessante está nas transgressões, como invasão de domicílios, logros e uso de meios ilícitos para obter informações, o que encontra paralelo no comportamento de Holmes.

Acrescentem-se outros pontos de contato da personagem analisada com o cânone estabelecido por Doyle, como a astúcia no sentido de obter informações e indicações por meio de aproximações sedutoras e utilizando subterfúgios e disfarces. Em que pese a ausência de um companheiro para compartilhar suas descobertas (um Watson), ainda assim importantes características holmesianas estão presentes: pouca ou nenhuma interação amorosa ou sentimental; tendência ao isolamento e ao uso de substâncias estimulantes (como bebida alcoólica), tênues ligações familiares e nenhuma referência à formação acadêmica.

Considerações finais

A comparação dos quadros e gráficos das duas séries permite notar que, apesar das diferenças entre ambas, elas mantêm a herança holmesiana. Em *Sherlock*, imerge-se na dinâmica tecnológica do século XXI, com um forte lado voltado à ação dos protagonistas e a iniciativa constante de Holmes, que ocupa toda a narrativa, direta ou indiretamente, a partir do oitavo minuto do episódio piloto. Em *The good wife*, também neste século, porém sem a ênfase nos *gadgets*, o ritmo de narração é muito mais lenta, pois enfoca-se também os problemas sentimentais em detrimento da ação. Além do mais, sua personagem investigadora é discreta, aparece somente de tempo em tempo, quando chamada, ainda que para decidir o rumo do caso judicial. À parte as discrepâncias, o método permanece o mesmo de Holmes.

Evidentemente, até pela apontada diferença entre as séries, a quantificação mostra que em *Sherlock* proliferam ocorrências relativas ao método, em contraste com a rarefação em relação a Kalinda: 90 para a série da BBC, 42 para a da CBS. Esses números indicam que a investigação não é o eixo central da série em que Kalinda é o cérebro holmesiano. Ainda assim, é um resultado significativo, haja vista que todos os conceitos aparecem com uma quantidade significativa de ocorrências.

Não deve causar espanto que sejam encontradas fontes de séries contemporâneas em histórias do século XIX. Jean-Pierre Esquenazi já apontou que a emergência dos grandes gêneros populares *como conhecemos hoje* parte dos anos 1860, com o folhetim e o melodrama (ESQUENAZI, 2011, p. 78). Naquela época já

existiam as histórias de investigação de Émile Gaboriau, com seu herói, Monsieur Lecoq.⁹ Poucos anos depois, viria à luz a figura matricial de Holmes.

Para ressaltar a importância de que, mesmo com a diferença quantitativa, Kalinda é mesmo uma variação de Holmes, basta lembrar a quantidade de séries em que o célebre método é infringido, mesmo que haja uma tonalidade sherlockiana nas histórias. Em *C. S. I. Las Vegas*, por exemplo, no episódio 2.05, para descobrir onde está o cadáver desaparecido de uma mulher, Grissom e sua equipe acreditam que ela foi emparedada e, portanto, quebram a marretadas *todas* as paredes do apartamento em que ela morava; sem resultado, quebram as paredes do apartamento vizinho; por fim, após vasculharem o prédio inteiro, encontram o cadáver no porão. É difícil imaginar um procedimento menos holmesiano. Em situação semelhante, tanto Holmes, em *Sherlock*, quanto Kalinda, coletariam dados, elaborariam hipóteses, excluiriam as impossíveis e iriam direto para o local onde o corpo fora escondido. Ainda seria necessário, em relação a *C. S. I. Las Vegas*, quantificar a presença dos conceitos relativos ao método, contudo a amostragem colhida até o momento não se mostra promissora. Nessa série, como tantas outras bem atuais, tudo indica que prevalece uma concepção de racionalidade que é anterior à indicada por Conan Doyle, em que pese a parafernália tecnocientífica que as preenche.

Referências

- CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica: teoria e prática**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004.
- DAHLBERG, Ingetraut. **Teoria do conceito**. Rio de Janeiro. Revista Ciência da Informação, 7(2): 101-107, 1978
- DOYLE, Arthur Conan. **Works of Arthur Conan Doyle**. S.l.: MobileReference, s/d. *Kindle Edition*.
- ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As séries televisivas**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.
- GINSBURG, Carlo. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto; SEBOK, Thomas. (orgs.). **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 89-129.
- MACHADO, André Augusto Mendes. **A investigação criminal defensiva**. 206 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São

⁹ Edgar Allan Poe, com seu extraordinário C. Auguste Dupin, possivelmente não se encaixe na categoria de popular, como se tivesse tido o mesmo público que folhetins e melodrama. Ainda assim, a relação com Holmes é incontestável.

Paulo-USP, São Paulo, 2009. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-27082009-114835/pt-br.php> Acesso em: 30 set. 2015.

MITTELL, Jason. **Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea**. *MATRIZES*, São Paulo, ano 5, n.º 2, p. 29-52, jan./jun. 2012. Disponível em:
<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/337> Acesso em: 30 set. 2015.

PEIRCE, Charles S. Abduction and induction. In: _____. **Philosophical writings of Peirce**. Nova York: Dover Publications, s/d. *Kindle Edition*.

SEBEOK, Thomas; UMIKER-SEBEOK, Jean. Você conhece meu método: uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto ; SEBEOK, Thomas. (orgs.). **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 13-58.

STASHOWER, Daniel. **Teller of tales: The life of Arthur Conan Doyle**. Nova York: Henry Holt and Company, 2014. *Kindle edition*.

TRUZZI, Marcello. Sherlock Holmes: Psicólogo social aplicado. In: ECO, Umberto ; SEBEOK, Thomas. (orgs.). **O signo de três: Dupin, Holmes Peirce**. São Paulo: Perspectiva, 1991. p. 59-129.